

Herói da nação salvador predestinado: Porfírio Díaz pela perspectiva de Bernardo Reyes¹³⁹

National hero, predestined savior: Porfirio Díaz by Bernardo Reyes perspective

Fernanda Bastos Barbosa¹⁴⁰

Resumo: Bernardo Reyes foi um importante membro da elite política do governo de Porfirio Díaz. Ocupou importantes cargos e, em 1902, escreveu *El General Porfirio Díaz*; livro de grande apologia ao presidente e seus mandatos. O objetivo do artigo é analisar, explicar e discutir como o presidente foi representado na obra e como a construção de um discurso laudatório se fez necessária como contra-argumento a uma nascente literatura de protesto, que criticava a permanência de Díaz no poder. Para Reyes, Don Porfirio foi o herói mexicano predestinado a salvar a nação; após tantas guerras civis e intervenções estrangeiras, apenas um homem com pulsos firmes colocaria o país no sendeiro da paz, ordem, progresso e felicidade.

Palavras-chave: Porfirio Díaz . Bernardo Reyes . Herói nacional.

Abstract: Bernardo Reyes was an important member of the political elite of Porfirio Diaz government. Held senior positions and, in 1902, wrote *El General Porfirio Díaz*; book of great apology to president and his mandates. The objective of this article is to analyze, explain and discuss how the president was represented in the work and how to build a laudatory speech was necessary as a counterargument to a nascent protest literature that criticized the permanence of Díaz on power. For Reyes, Don Porfirio was the Mexican hero predestined to save the nation; after so many civil wars and foreign interventions, only a man with firm grip would place the country on hacking peace, order, progress and happiness.

Keywords: Porfirio Díaz. Bernardo Reyes. National Hero.

Porfirio Díaz (1830-1915) tornou-se presidente constitucional da República dos Estados Unidos Mexicanos após ganhar a eleição de 1876. Manteve-se no governo, por meio de reeleições – mesmo que contestáveis –, até o ano de 1911; época em que

¹³⁹ Este texto é uma releitura e revisão de alguns trabalhos anteriormente publicados: BARBOSA, Fernanda Bastos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX. In: *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, nº. 7, nov./dez. 2011, pp. 90-112 e BARBOSA, Fernanda Bastos. *De herói a tirano: as interpretações sobre o Porfiriato entre os anos de 1902 e 1920*. Dissertação de Mestrado. UFOP. Ouro Preto: EdUfop, 2014. Data de submissão 20/08/2015 e aceite em 30/10/2015.

¹⁴⁰ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisadora da subárea História da América, desenvolve trabalhos acerca das interpretações sobre o Porfiriato (1876-1910) em polígrafos mexicanos da primeira e segunda fase revolucionária, bem como sobre o intercâmbio intelectual entre México e Estados Unidos no oitocentos. Email para contato: fernanda.ichs@yahoo.com.br. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4323995P1>.

renunciou devido à eclosão do processo revolucionário de 1910. Após a abdicação, exilou-se na França, onde residiu até falecer (em 1915). O período correspondente aos seus anos de governo é conhecido como Porfiriato. Foram trinta e um anos quase ininterruptos de governança. Em 1880, após o término de seu mandato, o general Manuel González assumiu a primeira magistratura, mas, em 1884, Díaz foi novamente eleito.

Como sabemos, existe uma ampla produção acerca do período político em destaque. Um estudo geral acerca de suas interpretações, desde a própria produção oitocentista até as gerações profissionais atuantes, mostra-nos como existem matizes e matrizes avaliativas sobre o Porfiriato. Desta forma, ressaltamos que o objetivo deste artigo possui um recorte temático específico: analisar, explicar e discutir como foi construída a legitimação do governo do presidente por um importante personagem da elite governamental porfirista: Bernardo Reyes, indivíduo ainda pouco estudado no cenário acadêmico brasileiro. No ano de 1902 o tapatío escreveu *El General Porfirio Díaz*, tecendo uma narrativa laudatória sobre a trajetória política (e militar) de Don Porfirio.

Bernardo Reyes Ogazón (1850-1913) foi um importante general mexicano que começou sua carreira militar aos quatorze anos de idade, lutando a favor do grupo liberal. Alistou-se contra a Intervenção Francesa nos grupos de guerrilhas de seu estado natal, Jalisco¹⁴¹, e participou contra os levantes de Manuel Lozada, militar imperialista que, em Nayarit, mantinha-se rebelde ao governo (SOTO, 1979). Este episódio ficou conhecido como “batalha de Mojonera”, ocorrida em 1873 próximo à Guadalajara.

Durante a presidência de Díaz, o general atuou como governador do estado de Nuevo León e encarregado da zona militar da região noroeste do país. Em 1896 foi nomeado pelo presidente à função de secretário de Guerra, importante cargo, mas renunciou. Assumiu novamente o referido Ministério em 1900, permanecendo até 1902, mesmo ano em que terminou o livro supracitado. Para alguns autores que estudam o

¹⁴¹ No ano de 1864 segmentos conservadores do México respaldaram a ida de um arquiduque europeu para governar o país: Fernando Maximiliano de Habsburgo. O governo foi apoiado pelo Exército francês, centrado na figura de Napoleão III. Com a invasão francesa no país e o estabelecimento da monarquia, o governo de Benito Juárez, então presidente à época, precisou se fixar fora da capital. Juárez migrou para Paso del Norte e o país passou a ser governado por dois grupos paralelos em atividade (Maximiliano na capital e Juárez em Paso del Norte). Essa forma de governo (monárquica) durou até 1867, ano em que as tropas liberais conseguiram derrotar o arquiduque e instaurar a república liberal – evento conhecido como “República Restaurada”. Maximiliano foi julgado segundo a lei de atentado contra a independência nacional e, em 15 de junho de 1867, foi sentenciado à pena de morte.

Porfiriato, Reyes ficou conhecido como um forte aliado do presidente, tornando-se um dos principais nomes para sucedê-lo no cargo (SOTO, 1979; GUERRA, 1991; GARNER, 2003)¹⁴². Por conseguinte, existem poucos trabalhos no cenário nacional e internacional que discutem sua trajetória política no interior do governo.

Antes de adentrarmos na análise do livro de Reyes, é importante explicarmos aspectos da conjuntura política durante o Porfiriato. A partir do último quartel do século XIX percebemos no cenário mexicano a pulverização de ensaios políticos, livros de testemunho e biografias sobre o presidente que buscavam legitimar o governo, valendo-se da narrativa de eventos passados que desenhavam um México caótico, frente a um presente pacífico. Os eventos históricos mobilizados para construir a sensação de conturbação nacional foram 1) as guerras civis que assolaram o país durante grande parte da primeira metade do século XIX e 2) as guerras contra os Estados Unidos e a intervenção francesa no território¹⁴³. No interior dessas produções emergia um novo tempo marcado pelo governo

¹⁴² Logo de início, achamos importante destacar que, mesmo Bernardo Reyes não sendo um crítico explícito do governo porfirista, existiu no México um movimento popular conhecido como “Reyismo”. Reyes possuía grande popularidade no país e quando da notícia, em abril de 1909, de que eram candidatos para as eleições de 1910 Porfirio Díaz e Ramón Corral; muitos indivíduos passaram a almejar Reyes para o cargo, pedindo que Don Porfirio reconsiderasse sua escolha. Segundo Artemio Benavides Hinojosa, entre maio e junho do mesmo ano vários clubes foram organizados, tanto na capital quanto nos estados, com a proposta de que Reyes fosse candidato à vice-presidência. Contudo, diante desta situação, o próprio Reyes não tomou nenhuma atitude, negando-se a encabeçar o movimento e partindo para Paris – a pedido do presidente – em novembro de 1909. Como escreveu Benavides, “frente a la elección presidencial de 1910, son los reyistas los más importantes protagonistas, no el general Reyes que ‘no hizo entonces –ni nunca – acto público de candidatura. Todo el episodio reyista permanece caracterizado por esta ambigüedad permanente: la de un movimiento extremadamente popular, en que el candidato jamás quiso ponerse a la cabeza de sus tropas” (BENAVIDES, 1998, p. 292).

¹⁴³ A partir de 1821, com a proclamação da independência mexicana, o poder pelo país passou a ser disputado por dois grandes setores, o liberal e o conservador. À época, uma das grandes querelas da elite política foi: que Estado-nação construir? Em linhas gerais, os conservadores, principalmente membros do Exército e Igreja – além de muitos proprietários rurais –, defendiam um retorno da ordem espanhola no México, bem como a fortificação da religião católica. Os liberais, ao contrário, “creían en la existencia de un indomable antagonismo entre los antecedentes históricos de México y su engrandecimiento futuro y en la necesidad de conducir a la patria por las vías del todo nuevas de las libertades de trabajo, comercio, educación y letras (...)” (GONZÁLEZ, 1994, p. 110).

Durante o governo de Ignacio Comonfort, eleito em 1857, que expediu a Constituição liberal no mesmo ano, os conflitos entre os dois setores rivais ficaram ainda mais candentes, desembocando na chama “Guerra da Reforma”. Além disto, já no primeiro governo de Juárez, entre meados de 1859 e finais de 1860, foram promulgadas cinco leis (“Leis da Reforma”) que separavam os poderes da Igreja e do Estado; tais leis fizeram com que a Igreja perdesse muita força no México, fortificando o poder temporal. Já o setor conservador, entre os anos de 1884 e 1887, respaldou, como explicamos acima, o “Segundo Império” mexicano governado pelo imperador Maximiliano. Embora os moderados fossem em maior número no país, analisar a dicotomia – liberais *versus* conservadores – existente na literatura política da época é importante, uma vez que foi uso corrente no vocabulário da época. Sobre as guerras civis e as intervenções

de Don Porfirio: Díaz era necessário para a consolidação de uma nova etapa no país, pacífica¹⁴⁴. Além disto, a autoridade para falar sobre este passado caótico foi dada aos indivíduos que diziam ter sofrido a experiência direta dos conflitos políticos. Por terem visto e vivido a anarquia política mexicana antes de 1876, também estavam autorizados a narrar sobre ela. Segundo Marcelo Santos de Abreu,

Existem narrativas de legitimação, que reivindicam o passado a fim de afirmar pretensões políticas do presente, e discursos apologéticos que visam enaltecer as qualidades de um grupo ou personagem. Além destas formas, há os silêncios das narrativas que elidem ou fazem esquecer momentos difíceis do passado. (ABREU, 2010, p. 19).

A eclosão desta literatura laudatória e legitimadora do Porfiriato – na qual, como veremos, Bernardo Reyes se aproxima – buscava fortalecer um governo que desde meados de sua presidência sofria censuras de diferentes grupos sócio-políticos, além de se mostrar frágil às várias críticas realizadas tanto por meio da imprensa, quanto por meio de uma nascente literatura de protesto. As principais censuras deviam-se, principalmente, à permanência do presidente na primeira magistratura. Pesquisando documentos, percebemos que as críticas ao Porfiriato começaram desde meados da presidência de Díaz. Filomeno Mata, por exemplo, importante crítico de Don Porfirio, iniciou sua oposição no periódico *Diario Del Hogar* (1881-1912) ainda em 1887 (sobretudo devido às suas várias reeleições). De diário voltado para as questões cotidianas do país, conhecido como

dos Estados Unidos e França no México. Cf. BARBOSA, Fernanda Bastos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX*. Revista História da Historiografia, Ouro Preto, número 7, nov./dez. 2011, pp. 90-112; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria mestiza: a invenção do passado nacional mexicano (séculos XVIII e XIX)*. Jundiaí: Editorial Paco, 2012; PRIEGO, Natalia. Symbolism, solitude and modernity: science and scientists in porfirian Mexico. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 473-485, Abr.-Jun. 2008; VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. *El primer liberalismo mexicano, 1808-1855*. INAH-Porrúa, 1995.

¹⁴⁴ Algumas obras são: CREELMAN, James. *Díaz, master of Mexico*. Lexington: Cornell University Library, 2011 [1910]; SIERRA, Justo. *Evolución Política del Pueblo Mexicano*. México: La Casa de España en México, 1940. MADERO, Francisco I.. *La sucesión presidencial en 1910: el partido nacional democrático*. Coahuila, 1908; TWEEDIE, Alec. *Mexico as I saw it*. Michigan: Michigan University Library, 2011 [1901/1910]. Não podemos nos esquecer dos periódicos porfiristas que circulavam no país, não citados nesse artigo. É importante deixar claro que não pretendemos afirmar que os autores citados acima possuíam obras e projetos políticos semelhantes; o escopo é informar como a mobilização e a apropriação do passado, para se posicionar no presente, ganhou dimensão e lugar de destaque em seus escritos. Essa matriz interpretativa ficou conhecida como “porfirista”. Como sintetizou Garner: “El porfirismo pone de relieve, sobre todo, la longevidad del régimen, particularmente en contraste con sus predecesores en el México del siglo XIX, y su éxito al lograr una estabilidad y una paz políticas por un periodo de casi 35 años. El Porfirismo también enfatiza las cualidades personales que justifican que Díaz haya monopolizado el oficio de gobernar durante más de 30 años: *inter alia*, su patriotismo, su heroísmo, su dedicación, su sacrificio personal, su tenacidad y su valentía.” (GARNER, 2003, p. 14).

periódico das famílias; transformou-se, no ano de 1888, em crítica perene à administração do general (INEHRM, 2013¹⁴⁵). Além deste, também na década de 1880 foi criado *El Hijo del Ahuizote*, periódico que criticou o governo a partir de caricaturas, funcionando até 1903. Em 1887 os editores de *El Hijo* foram encarcerados¹⁴⁶.

Já em 1900 publicava-se na Cidade do México o primeiro número de *Regeneración*, um dos maiores expoentes de crítica ao porfirismo. Ao analisarmos a produção do periódico, percebemos que ele começou como uma crítica jurídica, destinada a denunciar juízes da capital e dos estados que não cumpriam as leis nacionais e a Constituição liberal de 1857. Ao ser perseguido e fechado pelo governo, em 1901, passou a fazer uma crítica profunda, direcionada ao presidente.

A partir de 1906 as críticas ao governo começaram a se intensificar (SERRANO ÁLVAREZ, 2011). Neste ano foi criado o Partido Liberal Mexicano, encabeçado pelos irmãos Ricardo e Jesús Flores Magón (diretores do *Regeneración*). O principal grupo no interior do PLM foi a chamada “Junta Organizadora” que, ao longo do tempo, adquiriu tintes anarquistas – principalmente após Ricardo Flores Magón estabelecer contato nos Estados Unidos com Emma Goldman e os chamados *reds* do oeste norte-americano. Sob o silêncio da paz porfirista, começava-se a escutar as censuras ao governo, principalmente através dos periódicos.

Segundo Stanley Ross, “los periódicos pre-revolucionarios contribuyeron importantemente a la formación de una opinión pública receptiva a la idea y necesidad de transformación.” (ROSS, s/d, p. 378). Muitas vezes os artigos em periódicos possuíam uma circularidade maior do que os livros, pois a produção destes era mais cara. Como afirmou Ross ao analisar a conjuntura mexicana, os periódicos eram mais baratos e populares. Para Elias Paltí, “más decisivo aún era su capacidad material [do periódico] para generar *hechos* políticos (sea orquestando campañas, haciendo circular rumores, etcétera), en fin, *operar* políticamente, *intervenir* sobre la escena partidaria sirviendo de

¹⁴⁵ Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México. Endereço eletrônico para consulta: http://www.inehrm.gob.mx/es/inehrm/acerca_de

¹⁴⁶ Para los nahuas el ahuiote era un animal, especie de perro anfibio, muy feroz; el término se usaba para designar a « una persona molesta, hostil y acosadora [...] que se ha propuesto molestar a otra. » (GANTÚS, 2004, s/p). O periódico configurou-se como um dos maiores críticos do Porfiriato e as reeleições de Díaz, juntamente com os já mencionados *Diario del Hogar* e *Regeneración*.

base para los diversos intentos de articulación (o desarticulación) de redes políticas.” (PALTÍ, 2004, p. 177- Grifo no original).

Mesmo que de forma esquemática, o objetivo de pontuar rapidamente estes acontecimentos é mostrar ao leitor como já existia, em grandes proporções, uma crítica ao governo a partir de finais da década de 1880. Tais acontecimentos podem nos possibilitar inferir o porquê de, partir de 1900, começar a eclodir no país uma literatura laudatória sobre Díaz, tentando silenciar o discurso de que o presidente era um ditador. Don Porfirio foi representado como o herói necessário ao glorioso destino mexicano. Reyes, aqui analisado, é um dos polígrafos que escreveu sobre ele.

O objetivo do livro (*El General Porfirio Díaz*), o qual fundamentará minhas análises nesse artigo, foi criar uma síntese da vida de Díaz, apresentando sua biografia pública – tanto como general, quanto primeiro magistrado do país – à posteridade. O escritor visava consolidar uma memória positiva do presidente, interpretando-o como o herói nacional que, após lutar em várias guerras civis e combater tentativas de intervenções estrangeiras, buscou, com seu patriotismo, regenerar um país imerso em caos e anarquia. É importante destacar que a representação de um governante como o salvador da nação não foi uma exceção no oitocentos. Muitos líderes foram representados a partir dessa moldura narrativa; sobre isto, falaremos mais detidamente abaixo.

Ao atentarmos-nos, inicialmente, para os aspectos formais da obra veremos que ela é constituída por duas partes assimétricas. A primeira e maior delas narrou, ano a ano, os feitos militares de Díaz nas guerras sofridas pelo país. Isto demonstra a importância que aquele passado turbulento (em suas palavras) tinha para a geração que vivenciou essa atmosfera de anarquia, desejando, em contrapartida, um presente e futuro pacíficos. Um dos aspectos relevantes a se destacar é: dar dimensão a este passado específico se configurou como um dos instrumentos de legitimação do governo frente à pulverização de produções no país que censuravam o Porfiriato. Na representação de Reyes, Don Porfirio, frente ao pretérito mexicano, era necessário no cargo de primeiro magistrado. Somente um indivíduo com pulsos fortes seria capaz de colocar a nação no sendeiro da paz, felicidade e progresso.

Ao mencionar, por exemplo, o ano de 1821, o tapatío descreveu a heterogeneidade nacional pós-independência. Explicou que não havia um elemento dominador que desse unidade ao país, mas sim o conflito entre diversas facções que, como o mesmo ponderou, “ocasionaron una anarquíatan desoladora, que llegó a hacer *perder* alguna vez hasta la

esperanza de la salvación nacional.”(REYES, 1960 [1902], p. 09- Grifo nosso). Por conseguinte, logo após a efetivação da independência, dois grandes partidos possuíam proeminência: o republicano, com ideias e propostas liberais; e o partido monarquista, que defendia os serviços espanhóis, propondo ideias reconhecidas como conservadoras. Segundo o autor, com o “Plano de Iguala” Iturbide tornou-se imperador, mas em pouco tempo esta forma de governo foi desconhecida e “comienza luego la separación de los bandos, llamados conservador el que tenía tendencias a la monarquía, y liberal el que anhelaba por la república.”(REYES, 1960 [1902], p. 10).

Além deste quadro interno instável destacado pelo *tapatío*, os conflitos políticos com outros países também ganharam relevo: a perda do Texas pelo presidente Antonio López de Sant’Anna (1836) não deixou de ser mencionada, bem como a constituição do Segundo Império Mexicano (1864-1867). Se Díaz foi descrito como o modelo de herói nacional e o presente mexicano visto como um momento de paz, progresso e ordem; o contra modelo também estava em personagens históricos específicos: Sant’Anna e Maximiliano. Estes foram representados como traidores da nação, os anti-heróis.

A questão tinha destaque na obra: frente a esta atmosfera caótica, vivenciada pelo México por muitas décadas, qual seria o futuro do país? O desejo nacional, segundo Reyes, era por mudança; a nação necessitava se reerguer e se transformar para não perder a soberania (conceito caro para uma jovem nação). Frente a uma conjuntura como esta, o México precisava de um grande homem, um herói, e Don Porfirio possuía todas as qualidades para promover esse câmbio. É importante reiterar, como mencionado anteriormente, que o arquétipo de herói nacional não foi uma exceção no século XIX, bem como não o foram os usos do passado para se legitimar (ou deslegitimar) questões políticas no presente. Segundo Gonzalo Pasamar, embora o campo de investigações tenha ganhado destaque atualmente, os usos do passado e da história não são um fenômeno recente, constituindo-se um problema tradicional (PASAMAR, 2003, p. 212).

O que podemos perceber até o momento deste artigo, portanto, é que os conflitos intestinos e as intervenções estrangeiras, condensados no livro pela expressão “passado anárquico”, foram mobilizados como uma forma de legitimar projetos políticos porfiristas, frente a discursos antiporfiristas que ganhavam relevância no cenário político do último quartel do século XIX. Para Don Bernardo, a paz era a base para a construção de uma nação moderna, a ser erguida por Díaz. O presidente era fundamental para a salvação do país.

Como mencionado nos parágrafos iniciais desse texto, o livro enquadra-se no gênero biográfico, que possuiu campo fértil no século XIX. (MALATIAN, 2008, p. 18). Segundo Mary Del Priore, era o momento “da história dos grandes homens, motores de decisões (...)”. Ademais, no oitocentos, “a biografia assimilou-se à exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, o fato. Foi a época de ouro de historiadores renomados como, [por exemplo], Taine, Fustel de Coulanges e Michelet, autor de excepcionais retratos de Danton e Napoleão.” (DEL PRIORI, 2009, pp. 08 e 09). O livro de Reyes narrou a vida do general e presidente a partir de uma forma linear de escrita e construção biográfica. O tapatío construiu uma sucessão cronológica de acontecimentos que formava um trajeto coerente sobre sua história. Como explicou Pierre Bourdieu, esta forma de escrita, coesa, constrói no leitor a sensação de que todas as etapas da vida do personagem narrado possuem sentido, harmonizando-se entre si. Entretanto, esta ideia é frágil e se configura como uma concepção artificial, uma ilusão retórica. (BOURDIEU, 2006, p. 184)¹⁴⁷.

No capítulo inicial do livro, o autor remeteu-se ao nascimento de Don Porfirio. Ao mencionar este momento, Reyes relacionou a vida do futuro presidente a um dos momentos históricos mexicanos mais importantes para a história nacional: a própria independência do país. Segundo Paul Garner, 15 de setembro é considerada a data de batismo de Díaz, mas foi amplamente mencionada e usada como data de seu nascimento. Desta forma, conseguia-se intercruciar sua história de vida pessoal com a história mexicana. Para o historiador, “este enlace umbilical entre Porfirio Díaz y el destino de México sería explotado por el régimen para crear, en la conciencia popular, una relación entre Díaz, la consumación de independencia y la soberanía nacionales.” (GARNER, 2003, p. 32). Escreveu o tapatío,

Viene el general Díaz á la vida en el año de 1830; nace en Oaxaca el 15 de Septiembre de ese año, día que es aniversario de aquel en que Hidalgo profiriera, con fulminante inspirado acento, en 1810, en el pueblo de Dolores, el sublime grito de *Independencia*, que repercutiendo atronador por valles y montañas, hasta los más apartados confines del virreinato del México, levantó en armas á un pueblo siervo, que tras de once años de lucha heroica, rompió las cadenas que lo

¹⁴⁷ Como explicou Bourdieu, “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixa de reforçar.” (BOURDIEU *apud* AMADO; FERREIRA, 2006, p. 185).

ataran por trescientos años á la metrópoli española, para así formar una nación independiente y soberana.

¡Coincidencias inexplicables, pero que por su enlace magnífico hablan de algo inescrutable y grande! Aparece el predestinado para defender y transformar brillantemente á México, en ese aniversario glorioso del grito heroico por su independencia. (REYES, 1960 [1902], p. 09- Grifo no original).

Notamos no trecho acima que Don Bernardo ligou, de uma forma linear e determinista, a história de vida de Díaz à própria história do México. Em 15 de setembro de 1810 o padre Miguel Hidalgo y Costilla, conhecido no país como um dos pais da pátria, iniciou, segundo o calendário nacional, o processo independentista; após ter percorrido vários povoados e lutado contra a ordem política vigente, proferiu, no povoado de Dolores, o grito “Viva la Virgen de Guadalupe! ¡Abajo el mal Gobierno! ¡Viva Fernando VII!”¹⁴⁸. Este evento histórico ficou cristalizado no imaginário nacional como um momento de sublevação de *criollos* e de parte da população local contra as autoridades do Vice-reino da Nova Espanha.

Ainda analisando o trecho supracitado, percebemos que Reyes utilizou os conceitos “coincidências inexplicáveis” e “predestinado” para referir-se ao nascimento do futuro presidente. Ao final do parágrafo, vemos que o autor optou pelo caráter predestinado do nascimento de Díaz. Ou seja, o herói que, por antecipação, destinado a grandes feitos, viria não apenas “defender”, mas “transformar”, modificar com magnificência aquele México marcado em toda sua trajetória histórica por instabilidade e desordem (BARBOSA; FERNANDES, 2011). Assumir a primeira magistratura naquele contexto não era, para o autor, tarefa fácil. Qualquer estadista, mesmo que egrégio, ou algum afortunado vencedor, sentir-se-ia desalentado, uma vez que reerguer a nação imporia “tarefas titânicas”, gigantescas. Mas tal situação não desanimava Díaz, quem, com o gênio do adivinho, a predestinação do nascimento e o heroísmo decorrente das grandes lutas que participara, enxergou com intuição profética, ou seja, podendo predizer fatos do futuro, um porvir feliz:

El compromiso era solemne é imponía tareas titánicas, ante cuya perspectiva se hubiera sentido anonadado cualquier estadista ilustre, cualquier afortunado vencedor, pero no quien con el genio del vidente, con la energía del gladiador,

¹⁴⁸ Cabe mencionar que existem várias versões sobre o “Grito de Dolores”. Como o foco não é o seu estudo e cotejo, optamos pela variante de maior circulação. Além disto, a construção posterior da memória sobre Hidalgo e sobre o “Grito” corroborou para a cristalização de um mito sobre o evento. Cf. VILLORO, Luis. La revolución de independencia. In: COSÍO, Daniel Villegas et al. *Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, 2000.

desarrollada en grandes luchas; con la fe del triunfador, con la iniciativa del gobernador providente, y con el amor á la patria del que hiciérase glorioso combatiendo á muerte por ella, había medido de antemano, con olímpica serenidad y con intuición profética, lo formidable de la empresa á que se arrojava, y entrevisto con los ojos de la mente la realización feliz de sus proyectos colosales...

Al solitario de Oaxaca en 1870, á fuerza de encender su pensamiento en los grandes ideales patrióticos, habíase mostrado la visión de la República feliz. Y el vidente se sintió impulsado, volando á realizar los propios destinos, en busca de aquella anhelada prosperidad para México. (REYES, 1960 [1902], p. 267).

A biografia de Reyes, como apreendemos a partir das citações trabalhadas, também se assemelhava ao gênero épico, já que apresentou, capítulo por capítulo, os eventos heroicos de Díaz. A construção da imagem do presidente e general equiparou-se ao herói moderno, consagrado como matriz de pensamento a partir, principalmente, do livro de Thomas Carlyle¹⁴⁹. Como explicou Débora Andrade, o historiador escocês compartilhava de uma tradição oitocentista que se preocupava com as ações dos grandes homens no processo histórico. “As comunidades históricas recorrentemente apropriaram-se do passado e das narrativas ancestrais na tentativa de legitimar ou compreender ações presentes.” (ANDRADE, 2009, p. 229). No início do livro *Tratado de los héroes*, o escritor deixou claro seu objetivo:

(...) a mi entender, la Historia Universal, la Historia de lo que los hombres han realizado en este mundo es, en lo esencial, la Historia de los Grandes Hombres que han actuado en él. Estos Grandes son los conductores de hombres; los modeladores, los ejemplares y, en lato sentido, los creadores de todo cuanto el común de las gentes se han propuesto hacer o lograr; todo lo que vemos persistir de lo realizado en el mundo, es propiamente el resultado material exterior, la realización práctica y corpórea de los Pensamientos que residieron en los grandes Hombres enviados al mundo: el alma de toda la historia del mundo, podemos decirlo con toda razón, ha sido la historia de estos hombres. (CARLYLE, 1946, p. 33).

Neste sentido, para Carlyle, a História Universal foi definida como a biografia dos grandes homens, capazes de modificar a sociedade em que estivessem inseridos – tanto no

¹⁴⁹ Referimo-nos à obra *On heroes, hero-worship, and the heroic in history*, publicado pela primeira vez em 1841. Esta ganhou uma edição em espanhol no ano de 1893, fato importante de ser mencionado. Carlyle foi historiador e ensaísta durante o reinado de Vitória, no Reino Unido. Influenciado pela filosofia alemã, possui fundamentação no chamado “Historicismo”. Suas obras foram amplamente lidas entre os séculos XIX e início do XX. Como explicou Andrade, “no historicismo, a vida das nações seria criada e transformada pela ação dos homens, assim como o sentido do mundo histórico seria gerado por ela. (RUEDIGER, 1991).” (2009, p. 246). Sobre esta filosofia, também conferir: RUEDIGER, Francisco. *Paradigma do Estudo da História*. Porto Alegre: IEL, 1991; MATA, Sérgio. Elogio do Historicismo. In: VARELLA, F.; MOLLO, H.; MATA, Sérgio da; ARAUJO, Valdeir L. de. (Org.) *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

aspecto material, quanto moral e espiritual. Esses importantes cidadãos enviados ao mundo tinham a tarefa de conduzir os outros indivíduos, servindo sempre como modelo e exemplo a ser seguido e admirado. O historiador mencionou seis tipos de heróis, cada um ganhando sentido em uma determinada época: o primeiro era o *Herói-Divindade* e sua figura maior foi representada por Odin, considerado deus nórdico da sabedoria, guerra e morte. O segundo era o *Herói Profeta*, representado pela figura de Maomé. Também se destacavam o *Herói-Poeta* e *Sacerdote*, centrados nas figuras de Shakespeare e Martinho Lutero, respectivamente. Por conseguinte, Carlyle mencionou o *Herói-Literato*, cujo exemplo foi Rousseau e, por fim, o *Herói-Rei*, representado pelas figuras de Napoleão Bonaparte e Oliver Cromwell. O Herói-Rei foi considerado por Carlyle como um dos arquétipos mais modernos; uma de suas qualidades era guiar a nação a um momento de ordem, estabilidade, em oposição à desordem. Para ele, “a pesar de todo, el héroe surge, y se afirma realmente de tal modo que todos confían en él.” (CARLYLE, 1946, p. 252).

Sendo assim, podemos inferir que a construção da imagem de Díaz por Reyes reuniu todas as qualidades do Herói-Rei: Don Porfirio era o homem predestinado a transformar o México e guiá-lo pelo caminho da ordem. Com intuição profética, como dito acima, ele guiaria a nação a um futuro feliz, diferente do passado que acossara o país. Seu caráter continha elementos de bravura e, por patriotismo, sacrificava-se nas batalhas e tarefas titânicas. Utilizando as palavras do historiador escocês, Díaz, para Don Bernardo, era o “Homem Capaz” que sintetizaria toda uma nova época.

Descrevendo o período governamental de Díaz, que consiste na segunda e menor parte do livro, Reyes destacou o amor do presidente pelo México, a transformação do país em uma nação moderna que, sob esse governo, passou a vivenciar uma situação de paz, felicidade e progresso material. Reproduzindo trechos de documentos oficiais, o tapatío destacou as grandes conquistas materiais do país: a construção das estradas de ferro, dos telégrafos, a construção de hospícios, bancos, escolas, do *Desagüe del Valle*, que na época era símbolo de salubridade pública, entre outros¹⁵⁰. Reyes também deu ênfase na organização da Fazenda pública, ou seja, ao equilíbrio econômico dos egressos e ingressos

¹⁵⁰ “Los tiempos en que para tener noticia de alguna parte del país se demandaba el transcurso de medio mes, y de uno ó dos meses más para que alguna fuerza puesta en campaña llegara á ella, eran propicios, naturalmente, á las revueltas; pero el telégrafo y el ferrocarril las hicieron difíciles y contribuyeron á consolidar la paz y tranquilidad públicas, que atraieron el capital extranjero para que viniera á derramarse en nuestro territorio, erigiendo fábricas y talleres é innúmeras industrias.” (REYES, 1960 [1902], p. 298)

do país. Tal equilíbrio foi conseguido pelo presidente entre os anos de 1895-1896 e Reyes descreveu o episódio da seguinte forma:

La obra estaba hecha, *la nación regenerada*; el México moderno saludó gozoso á los pueblos cultos al entrar de lleno en la nueva era de su historia, que señala la época de la gestión administrativa de que nos hemos ocupado en los tres últimos capítulos de esta biografía; biografía que ha necesitado extensas páginas, ya que se ha tratado escribir la vida de un héroe y de un estadista que con sus proezas en la guerra y en la paz ha fatigado los ecos de la Fama. (REYES, 1960 [1902], p. 313- Grifo nosso).

Percebe-se que o autor utilizou a expressão “nação regenerada”. Para ele, Don Porfirio conseguiu, durante sua presidência, gerar novamente a nação mexicana; reconstruiu um país e o transformou em um ambiente estável, pacífico e moderno. Enquanto a primeira metade do século XIX, pós-independência, foi representada como conflituosa, em que o governo de Benito Juárez, antes da República Restaurada, por exemplo, foi itinerante, tendo que se instalar em vários estados mexicanos devido às disputas entre o grupo liberal e o setor conservador; a partir de 1876 percebemos uma estrutura organizada de governo e Estado, base para todo o desenvolvimento nacional.

Ademais, a referência à fama do presidente não nos parece fortuita; novamente, há uma indicação ao modelo épico da escrita biográfica nesses contextos nacionais, caracterizada por um discurso laudatório e encomiástico. Quando o general escreveu sobre a eleição de Don Porfirio em 1884, ficou clara a justificativa de que aquela era uma vontade popular; em nenhum momento do livro o autor qualificou o presidente de ambicioso, egoísta ou ditador. Para Mauricio Tenorio Trillo, “(...) cuando Díaz cometió el error de confundir su persona con el destino de la nación, la historiografía se transformó en una apología del hombre providencial y en una exaltación de la paz, la prosperidad y el progreso material.” (2006, p. 574.)

O general tornou-se o símbolo da salvação nacional. Segundo Raoul Girardet, “mais uma vez, o velho mito do Salvador ressurge em nossa história, mito destinado, nesse caso, a um futuro bastante curto, mas, por um momento, suficientemente poderoso, suficientemente coerente, suficientemente atrativo também para fixar a atenção, reter a reflexão.” (1987, p. 63)¹⁵¹. Díaz sintetizava a mudança, representava o personagem-símbolo que faria o México se transformar. É importante destacar que ele foi interpretado

¹⁵¹ Não podemos deixar de mencionar que os trabalhos de Girardet focam o caso francês, mas suas ideias e propostas textuais nos ajudam a pensar a conjuntura mexicana.

como o homem providencial, aparentando sempre um lutador, um combatente, que escolheu, como missão de vida, salvar sua nação. Narrativamente, Díaz se situava na ruptura dos tempos: “personagens símbolos, através de um e de outro exprime-se uma visão coerente e completa do destino coletivo. Em torno deles cristalizam-se poderosos impulsos de emoção, de espera, de esperança e de adesão.” (GIRARDET, 1987, p. 70). Se observarmos a biografia de Reyes, o presidente se enquadrava, utilizando-se também as categorias de Girardet, no arquétipo do herói da república Romana: *Cincinnatus*. Citamos:

A imagem legendária é, de qualquer modo, a de um velho homem, que se tornou ilustre em outros tempos nos trabalhos da paz ou da guerra. Exerceu com honra altos cargos, grandes comandos, depois escolheu um retiro modesto, longe dos tumultos da vida pública. Interrompendo uma velhice tranquila e respeitada (...), a angústia de todo um povo bruscamente confrontado com a desgraça o chama ou o traz de volta à frente do Estado. Tendo “feito doação de sua pessoa” à pátria, provisoriamente investido de um poder supremo de essência monárquica, sua tarefa é apaziguar, proteger, restaurar. (GIRARDET, 1987, p. 74).

Além de *Cincinnatus*, Don Porfirio também se harmonizava na figura do salvador Moisés, o arquétipo do profeta: via o que o povo ainda não enxergava, guiando-o para o futuro. No livro, o presidente fora exaltado como um representante ou aliado do povo, devendo realizar suas esperanças e fazê-lo evoluir. Entretanto, o presidente não se colocava como o povo ou sua encarnação. Para Garner, “este enlace umbilical entre Porfirio Díaz y el destino de México sería explotado por el régimen para crear, en la conciencia popular, una relación entre Díaz, la consumación de independencia y la soberanía nacionales.” (2003, p. 32). É importante destacar que o objetivo não é afirmar que se trata aqui do verdadeiro ou do falso presidente, mas como essas construções e interpretações arquitetaram uma representação de Díaz que era recebida, relida e ressignificada por grupos político-sociais; bem como legitimadora das ações do presidente no presente.

A partir destas reflexões e esforço de elaboração textual, podemos sintetizar uma chave de discussão acerca do tema e análise da obra de Reyes: Se, de um ponto de vista histórico e político não houve povos e nações sem conflitos e guerras nas Repúblicas latino-americanas no século XIX, dizer que Díaz trouxe a paz ao país, sendo necessário agir com pulsos fortes frente a um passado anárquico – como percebemos na narrativa de Reyes –, não seria um uso político do passado? Todos os grupos mexicanos interpretavam a conjuntura desta forma? Havia paz para quem no México? Quem, ou quais grupos desenvolviam e acreditavam neste argumento? Como outros setores políticos mobilizavam o passado e interpretavam o Porfiriato? A eclosão desta literatura laudatória e

legitimadora, representada neste artigo pelo livro *El General Porfirio Díaz*, buscou fortalecer um governo que desde meados de sua presidência foi censurado por diferentes grupos. Para Garner, em 1892,

Cuando la polémica desaparición de todas las restricciones a la reelección originó una ola de protestas antireeleccionistas en varios estados (particularmente en los del norte, como Tamaulipas, Coahuila y Nuevo León). Al mismo tiempo, el régimen se enfrentó constantemente a estallidos de protestas populares en las áreas rurales, mayormente entre 1891 y 1893, pero en algunos casos –como el de los mayas en Yucatán y el de los yaquis en Sonora –fue la constante a lo largo de todo el régimen. (GARNER, 2003, p. 104).

Sendo assim, construir narrativamente um clima de anarquia a partir da segunda década do século XIX ajudou a legitimar o governo de Díaz: o ano de 1876 era o começo de um novo tempo e o presidente era o promotor da paz. Os usos políticos do passado possuíam poder, a linguagem produzia presença. Não podemos deixar de ressaltar que a própria linguagem possui um papel ativo e as estruturas e disposições narrativas são elementos importantes na criação da realidade histórica (KRAMER, 2001). Perceber como os documentos foram construídos, como foi disposta sua estrutura narrativa, suas estratégias discursivas e persuasivas; e não apenas analisar e descrever o conteúdo que traziam, é substancial para chegarmos a discussões mais sofisticadas. Conjunturas foram mobilizadas para se defender projetos políticos diferentes entre 1876 e 1910/1911 e *El General Porfirio Díaz* nos possibilita pensar uma das esferas de defesa do governo, principalmente após as várias reeleições, mesmo que discutíveis, do primeiro magistrado. Sob o Porfiriato, Reyes interpretava o presente mexicano como a segunda independência do México e, ao olhar para o futuro, vislumbrava o país com um lugar reservado no palco das grandes nações civilizadas.

Referências:

- ABREU, M. **Os mártires da causa paulista: culto aos mortos e usos políticos da Revolução Constitucionalista de 1932 (1932-1957)**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2010.
- ANDRADE, D. **Escrita da História e Política no século XIX: Thomas Carlyle e o Culto aos Heróis**. In: *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 1, nº 35, dez. 2006.
- BENAVIDES H. **El General Bernardo Reyes: vida de un liberal porfirista**. Monterrey: Ediciones Castillo, 1998.
- BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CARLYLE, T. **Os heróis e o culto dos heróis**. São Paulo: Cultura Moderna, s/d.
- CREELMAN, J. **Díaz, master of Mexico**. Lexington: Cornell University Library, 2011.

DEL PRIORE, M. **Biografia: quando o indivíduo encontra a História.** In: *Topoi*, v.10, nº. 19, jun/dez 2009, pp. 07-16.

BARBOSA, F. **De herói a tirano: as interpretações do Porfiriato entre os anos de 1902 e 1920.** Dissertação de Mestrado. UFOP. Ouro Preto: EdUfop, 2014.

BARBOSA, F & FERNANDES, L. **Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX.** In: *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, nº. 7, nov./dez. 2011, pp. 90-112.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria mestiza: a invenção do passado nacional mexicano (séculos XVIII e XIX).* Jundiaí: Editorial Paco, 2012.

GANTÚS, F. **Prensa satírica y poder político.** In: *Amnis*, 4, 2004. Disponível em: <http://amnis.revues.org/755>.

GARNER, P. **Porfirio Díaz: del héroe al dictador, una biografía política.** Cidade do México: Planeta, 2003.

GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUERRA, F. **México: del Antiguo Régimen a la Revolución, I.** Cidade do México: FCE, 1991.

KRAMER, L. **Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra.** In: HUNT, Lynn. (Org.). *A Nova História Cultural.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRAUZE, E. **Porfirio Díaz: Místico de la autoridad.** Cidade do México: Fondo de Cultura Económica S. A., 1987.

MADERO, F. **La sucesión presidencial en 1910: el partido nacional democrático.** Coahuila, 1908.

MALATIAN, T. **A biografia e a história.** In: *Cadernos CEDEM*, Franca, vol. 01, n. 01, 2008. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/cedem/article/viewFile/518/414>. Acesso em: 25/04/2013.

MATA, S. **Elogio do Historicismo.** In: VARELLA, F.; MOLLO, H.; MATA, Sérgio da; ARAUJO, V. (Org.) **A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna.** Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

PALTÍ, E. **Los diarios y el sistema político mexicano en tiempos de la República Restaurada (1867-1876).** In: ALONSO, Paula (Comp.). *Construcciones impresas: panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920.* Buenos Aires: FCE Argentina, 2004.

PASAMAR, G. **Los historiadores y el “uso público de la historia”: viejo problema y desafío reciente.** *Ayer*, 49, 2003.

PRIEGO, N. **Symbolism, solitude and modernity: science and scientists** In: porfirian Mexico. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, nº. 02, abr/jun, 2008, pp. 473-485.

REYES, B. **El General Porfirio Díaz.** Cidade do México: Editora Nacional, 1960 [1902 1ª ed.].

RUEDIGER, F. **Paradigma do Estudo da História.** Porto Alegre: IEL, 1991.

SERRANO P. **Cronología de la Revolución (1906-1917).** Cidade do México: INEHRM, 2011.

SIERRA, J. **Evolución Política del Pueblo Mexicano.** México: La Casa de España en México, 1940

SOTO, M. **Precisiones sobre el Reyismo. La oportunidad de Porfirio Díaz para dejar el poder.** In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, Álvaro Matute (editor), México, Universidad Nacional Autónoma de

México, Instituto de Investigaciones Históricas, v. 7, 1979, pp. 105-133. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/moderna/ehmc/ehmc07/083.html> Acesso: Dia: 20/out./2011.

TENORIO T. **Artilugio de la nación moderna. México en las exposiciones universales, 1880-1930**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

TWEEDIE, A. **Mexico as I saw it**. Michigan: Michigan University Library, 2011.

VÁZQUEZ, J. **El primer liberalismo mexicano, 1808-1855**. INAH-Porrúa, 1995.

VILLORO, L. **La revolución de independencia**. In: COSÍO Villegas, Daniel. *et al. Historia general de México*. Cidade do México: El Colégio de México, 2000.